

HEGEL E O VODU

HEGEL AND VODU

Rafael Leopoldo*

“O Vodu foi a primeira forma de resistência contra a escravidão”

Laënnec Hurbon

“O Haiti é aqui”

Caetano Veloso

I

Susan Buck-Morss é uma filósofa estadunidense com vários estudos interessantes, principalmente, devido a sua transversalidade de saberes, perpassando a teoria crítica, a teoria literária, a cultura visual, o islamismo, a filosofia política ocidental, teorias sobre a modernidade e modernidades alternativas e os estudos visuais. Alguns dos seus livros são: *The Origin of Negative Dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute* (1977); *The Dialectics of Seeing. Walter Benjamin and the Arcades Project* (1989); *Dreamworld and Catastrophe. The Passing of Mass Utopia in East and West* (2002); *Thinking Past Terror: Islamism and Critical Theory on the Left* (2003); *Hegel, Haiti, and Universal History* (2009).

A obra que enfatizamos aqui é a última citada *Hegel, Haiti, and Universal History* que já foi traduzido até o momento para o alemão, o coreano, o japonês, o francês, o polonês, o turco e para o português encontramos a tradução generosa do professor Sebastião Nascimento¹ na revista *Novos Estudos CEBRAP*² com o título de *Hegel e Haiti*. O título da obra na tradução para o espanhol feita por Fermín Rodríguez é mais grandioso, o tradutor preferiu o seguinte nome: *Hegel y Haití: la dialéctica amo-esclavo: una interpretación revolucionaria*. Na tradução em espanhol precisasse o tema do livro: a dialética do senhor e

* Mestre em psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-graduado pela Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO) e graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). E-mail: ralasfer@gmail.com.

¹ É importante enfatizar que a tradução é do cientista social Sebastião Nascimento, pois ele tem uma larga experiência com a temática haitiana e, também, viveu no Haiti por determinado período.

² Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

do escravo e, ainda, propõe que a interpretação de Buck-Morss seria revolucionária. Respeitando a tradição italiana que diz *"traduttore, traditore"* traduziria o texto de Buck-Morss não como *"Hegel, Haiti, e a história universal"* (uma tradução mais literal), mas como *"Hegel e o Vodou"*. De qualquer modo, voltamo-nos para a interpretação de Buck-Morss, para essa conexão entre Hegel e o Haiti que à primeira vista parece tão distante. Regressamo-nos a ela com uma fidelidade canina, principalmente, para a marcação sétima e oitava (que é o núcleo do texto da filósofa) e algumas considerações da parte conclusiva antes de qualquer adendo a respeito da importância do *Vodou* como fator revolucionário e de resiliência de uma grande parcela do povo haitiano.

II

Buck-Morss recoloca uma pergunta que perpassa os estudiosos de Hegel: "De onde surgiu a ideia de Hegel sobre a relação entre o senhorio e a servidão?". Lembremos que tal pergunta remete ao principal livro de Hegel, a densa e volumosa *Fenomenologia do espírito*, obra escrita entre 1805 e 1806 e publicada em 1807. Buck-Morss a respeito da pergunta afirma que:

Os que se ocupam da história das ideias da filosofia alemã conhecem apenas um lugar onde procurar pela resposta: nos escritos de outros intelectuais. Talvez tenha sido Fichte, escreve George Armstrong Kelly, apesar de que "o problema do senhorio e da servidão é essencialmente platônico". Judith Shklar toma o caminho convencional de vincular a discussão hegeliana a Aristóteles. Otto Pöggeler - e dificilmente haverá nome mais sofisticado na literatura alemã sobre Hegel - diz que a metáfora sequer provém dos antigos, sendo na verdade um exemplo totalmente "abstrato". Apenas um estudioso, Pierre-Franklin Tavarès, chegou a realmente estabelecer a conexão entre Hegel e o Haiti, baseando seu argumento na evidência de que Hegel havia lido o abade francês abolicionista Grégoire. [...] Ninguém ousou sugerir que a ideia para a dialética do senhorio e da servidão tenha ocorrido a Hegel em Jena, entre os anos de 1803 e 1805, a partir da leitura da imprensa - revistas e jornais. (BUCK-MORSS, 2011).

Dáí a autora coloca duas opções a respeito de Hegel: ou ele seria completamente cego com relação à escravidão que acontecia debaixo do seu nariz, ou ainda, ele sabia que havia escravos reais que eram bem-sucedidos em suas revoltas e, dessa forma, Hegel elaborou sua dialética do senhor e do escravo dentro do seu contexto histórico. A autora enfatiza o papel de

um jornal³ alemão chamado *Minerva*⁴, pois ele não somente divulgou a Revolução Francesa detalhadamente, mas também houve matérias sobre a Revolução Haitiana. Buck-Morss afirma que os europeus do século 18 estavam realmente refletindo sobre a Revolução Haitiana. A filósofa cita Marcus Rainsford que em 1805 escreve que a causa da Revolução Haitiana é o *espírito de liberdade*. Daí que esse espírito poderia ser *contagioso*, não se limitando à questão racial, ou ainda, aos escravos ou aos homens livres, desse modo “foi possível sustentar, sem recurso à ontologia abstrata da *natureza*, que o desejo por liberdade era verdadeiramente universal, um evento da história mundial e, de fato, o exemplo que rompe o paradigma” (BUCK-MORSS, 2011, tradução modificada).

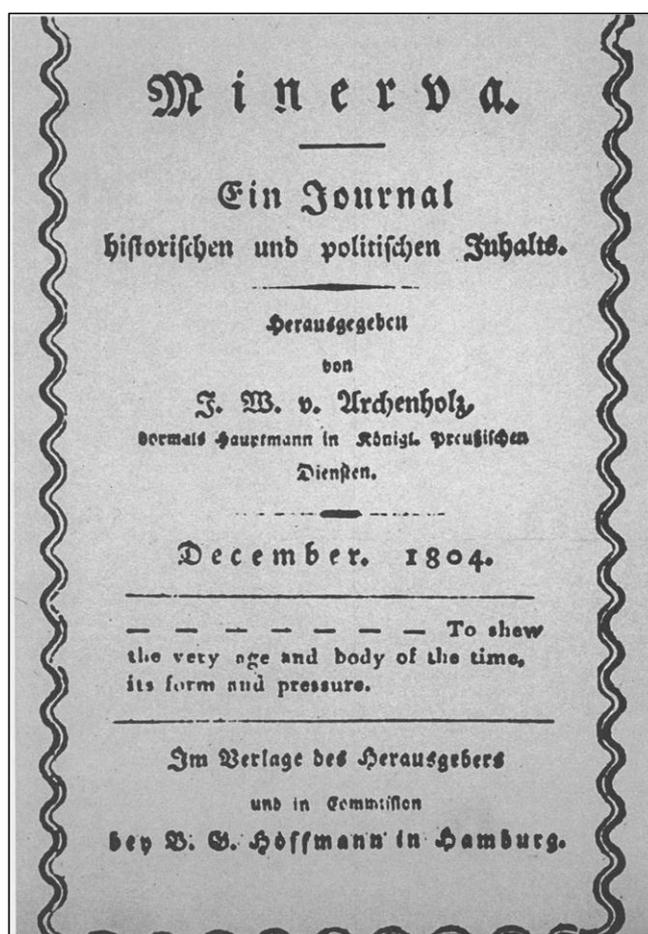


Figura I. Periódico *Minerva*.

³A respeito do papel das notícias, poderíamos ainda citar o filósofo Alain de Botton e seu livro *The News: a user's Manual* (“Notícias: manual do usuário”) onde para enfatizar a importância das manchetes escreve que: “o filósofo Hegel sugere que as sociedades se tornaram modernas quando as notícias substituíram o lugar da religião como nossa fonte central de orientação” (DE BOTTON, 2014, p.11).

⁴*Minerva* é dito como um dos mais importantes jornais políticos da virada do século. Havia uma qualidade nas publicações como, também, uma qualidade de seus leitores, citemos a motivo de exemplo três personalidades: Goethe, Schiller e Hegel. Não poderíamos esquecer que a “coruja de minerva” é uma imagem bem hegeliana que poderia ser remetida ao periódico citado.

Colocados estes dois elementos, a produção da obra hegeliana no seu contexto histórico e a questão do desejo pela liberdade, agora é necessário voltar para a breve interpretação de Buck-Morss da dialética do senhor e do escravo pensando na Revolução Haitiana, igualmente conhecida como Revolta de São Domingos, que aconteceu entre o período de 1791 a 1804. É importante apontar que no ano seguinte Hegel dá início à construção da *Fenomenologia do espírito*, e somente em 1807 ela é publicada.

III

Buck-Morss a respeito da dialética do senhor e do escravo aponta que à primeira vista o senhor seria independente e sua natureza seria existir para si mesmo; com relação ao escravo, este estaria na posição de dependência, de existir para o outro, o escravo seria caracterizado pela falta de *reconhecimento* do outro. Ele é visto como uma *coisa*, a “coisidade” seria a essência da consciência escrava. A autora lembra que o estatuto de coisa dos escravos já era encontrado no *Code noir*⁵. Todavia, na medida em que há o desenvolvimento da dialética a consciência do senhor se reverte, assim, ele se dá conta de que é totalmente dependente do escravo, bastaria coletivizar a figura do senhor para “ver a pertinência descritiva da análise de Hegel: a classe de proprietários de escravos depende totalmente da instituição da escravatura para prover a *superabundância* que constitui sua riqueza” (BUCK-MORSS, 2011). Desse modo, a classe do senhorio não poderia ser o *agente histórico* sem aniquilar a própria existência. Os escravos, por sua vez, chegam a autoconsciência ao demonstrarem que não são uma mera coisa, não são objetos como colocados no *Code noir*, mas ganham uma subjetividade por meio da transformação da natureza material. À luz dos eventos históricos Buck-Morss assevera o seguinte:

Aqueles que chegaram a se submeter à escravidão demonstram sua humanidade quando preferem enfrentar a morte a permanecerem subjugados⁹⁹. A lei (o Code Noir!) que os reconhece meramente como "uma coisa" já não pode ser considerada vinculante¹⁰⁰, apesar de que, antes, de acordo com Hegel, era o próprio escravo o responsável por sua falta de liberdade, ao haver inicialmente optado pela vida em lugar da liberdade, pela mera autopreservação¹⁰¹. Em *A fenomenologia do espírito*, Hegel insiste que a liberdade não pode ser outorgada aos escravos de cima para

⁵ O *code noir* é o código legislativo francês elaborado em 1685 que se aplicou aos escravos negros nas colônias, tal código somente foi erradicado em 1848. O *code noir* legalizava a escravidão e colocava os escravos com o estatuto de *propriedades móveis*. Essa caracterização de *coisa*, essa caracterização de uma propriedade é mantida hoje em dia na maioria dos países com relação aos animais não humanos.

baixo. É preciso que a autolibertação do escravo ocorra através de uma "prova de morte". (BUCK-MORSS, 2011).

É ariscando a vida que a liberdade é obtida. Outro dado importante que a filósofa nos mostra é que o objetivo dessa libertação não poderia ser o de se sujeitar ao senhor, ou seja, que os papéis se invertessem, posto que cairíamos em um raciocínio circular em que o escravo, agora senhor, cairia no mesmo impasse existencial do antigo senhor, daí que a lógica o forçaria para uma total libertação da instituição da escravidão.

Sendo possível essa leitura da dialética do senhor e do escravo, a autora se pergunta o porquê do silêncio da temática que relaciona Hegel e o Haiti. Buck-Morss assinala diversos motivos, todavia, apontamos o principal agente que se trata da apropriação marxista da dialética hegeliana:

Desde a década de 1840, com os escritos de juventude de Karl Marx, a luta entre o senhor e o escravo vem sendo abstraída da referência literal e lida novamente como uma metáfora - desta vez, para a luta de classes. No século XX, essa interpretação hegeliano-marxista teve poderosos proponentes, incluindo Geörg Lukács e Herbert Marcuse, assim como Alexandre Kojève, cujas conferências sobre A fenomenologia do espírito são uma brilhante releitura dos textos de Hegel através de uma lente marxiana. *O problema é que marxistas (brancos), dentre todos os leitores, eram os menos propensos a considerar a escravidão real como algo significante, uma vez que, em sua concepção etapista da história, a escravidão - não importando o quão contemporânea - era vista como uma instituição pré-moderna, banida da história e relegada ao passado.* Mas somente se presumirmos que Hegel estava contando uma história que se esgotava na Europa, na qual a "escravidão" era uma instituição mediterrânea vetusta, há muito abandonada, uma tal leitura se tornará remotamente plausível - remotamente, porque mesmo na própria Europa de 1806, a servidão por dívidas e a servidão fundiária ainda não haviam desaparecido, e as leis que consideravam a escravidão propriamente dita tolerável ainda estavam sendo contestadas (BUCK-MORSS, 2011, grifo nosso).

Dessa maneira, o esquecimento da temática Hegel e Haiti se daria na perspectiva da autora, principalmente devido à leitura marxista da dialética do senhor e do escravo no qual haveria a ingenuidade de considerá-la, somente, como uma metáfora para a luta de classes. Próximo a Alexandre Kojève poderíamos acrescentar a leitura feita pela psicanálise (sobretudo a lacaniana) que também se distancia demasiadamente de uma leitura literal da escravidão. Posto isso, a argumentação principal da autora é que Hegel era consciente de que havia escravos reais e de suas lutas revolucionárias. Hegel teria recorrido aos eventos no Haiti para desenvolver um dos pilares da *Fenomenologia do espírito* que é a dialética do senhor e do escravo: *“a revolução real e bem-sucedida dos escravos caribenhos contra seus senhores é o momento em que a lógica dialética do reconhecimento se torna visível como a temática da*

história mundial, a história da realização universal da liberdade” (BUCK-MORSS, 2011, grifo nosso).

IV



Figura II. Pintura de Ulrick Jean-Pierre.

Por último, a respeito dessa instigante obra de Buck-Morss, penso ser uma pena que a autora tenha citado a questão do *Vodu* tão-somente duas vezes no decorrer do seu texto. A própria filósofa diz que a relação entre Hegel e Haiti deveria ser melhor desenvolvida, contudo creio que essa relação poderia tomar outras formas não apenas regressando os exemplares de *Minerva*, mas, também, analisando a cultura haitiana e, principalmente, o *Vodu* como uma cosmopolítica. Tal perspectiva não distanciaria da tese da autora, posto que “*o Vodu foi a primeira forma de resistência contra a escravidão*” (HURBON, 1987, p. 67, grifo nosso).

Não se trata aqui de perpassar algumas características do *Vodu* (o que seria exaustivo para este espaço), mas de fazer alguns apontamentos a respeito da sua conexão com o espírito revolucionário haitiano e, também, do seu forte poder de resiliência. Juntamente com Prosper

e Gentini (2013, p. 75) afirmamos o seguinte: “a prática do *Vodu* nas colônias, significava, desde cedo, uma linguagem própria, mediante a tomada de consciência da diferença que existia entre o mundo dos oprimidos (escravos) e dos opressores (senhores)”. Daí relembremos um dado fundamental para nossa argumentação como, ademais, para a história do Haiti, que é a cerimônia chamada “*Ceremonie du Bois-Caïman*”. Esse evento é considerado o ato fundador da revolução e da guerra pela independência. Revolução que tem uma importância universal, pois se trata da primeira grande revolução moderna; nela encontramos subversão social, a primeira revolução conduzida pelos próprios escravos, e subversão do colonialismo, derrota do colonialismo francês e formação de uma nacionalidade. Ver, por exemplo, Soares e Silva (2006) e Fonseca (2011).

O grande nome da cerimônia *Bois-Caïman* é o do sacerdote *Vodu* Dutty Boukman. Na noite desta cerimônia um porco negro é sacrificado para que todos os integrantes se tornem invulneráveis, trata-se de ganhar forças para a insurreição, para a noite de 22 de agosto de 1791 quando as plantações são queimadas, os colonos massacrados. São dez dias iluminados pelas chamas de centenas de plantações de café numa conjunção de *Vodu* e *liberté, égalité, fraternité*⁶. O filósofo Achille Mbembe na sua *Crítica da razão negra* afirma o seguinte sobre a revolução haitiana:

A ela [a Revolução Haitiana] se deve, em 1805, uma das mais radicais constituições do Novo Mundo. Esta constituição interdita a nobreza, instaura a liberdade de culto, critica os conceitos de propriedade e de escravatura – algo que a Revolução Americana nunca ousara fazer. A nova Constituição do Haiti não pretende somente abolir a escravatura. Autoriza o confisco de terras dos colonos franceses, decapitando [à francesa], pelo caminho, grande parte da classe dominante; vai abolir a distinção entre os nascimentos legítimos e ilegítimos e leva até às últimas consequências as ideias, na altura revolucionárias, de igualdade racial e de liberdade universal (MBEMBE, 2014, p. 36).

Por último, ainda é necessário salientar que o *Vodu* exerce um papel de resiliência contra uma grande empreitada modernizadora via todo um capitalismo de batina, seja ele católico ou protestante, seja ele norte-americano, europeu ou latino-americano. O *Vodu* ainda continua espalhado pelo Haiti, seja pelos falantes do crioulo ou pelos falantes do francês, nas classes mais baixas ou nas mais abastadas, mas em alguns lugares com mais vigor que outros.

⁶ É importante lembrar que há uma influência da Revolução Francesa sobre o Haiti e que na constituição haitiana de 1987 encontramos no seu artigo quarto o seguinte: “*La devise nationale est: Liberté – Égalité – Fraternité*” (o lema nacional é: liberdade – igualdade – fraternidade).

Como dizem nas ruas: um país 30% cristão e 100% voduísta⁷. O *Vodu* continua mesmo diante do mote comum de que ele seria o motivo de todos os males do Haiti. Daí que não é forçoso lembrar de Caetano Veloso e Gilberto Gil, cantando em seus versos que o Haiti é aqui, pois o mesmo refrão que diz que o *Vodu* é a causa do atraso do Haiti, diz respeito às religiões brasileiras que têm determinada influência africana, o mesmo acontece com a cultura indígena (que, muitas vezes, também, se mescla com elementos afro). Trata-se de eliminar a matriz africana e indígena e, é necessário dizer muitas vezes, propor a velha empreitada colonialista. A nossa matriz cultural (africana e indígena) é posta ordinariamente como maldita (e esse preconceito, também, é espreado de cima a baixo na sociedade brasileira), todavia, talvez seja ela de fato o sumo; nisso encontramos a importância de ler *Hegel e Haiti* e ainda mais de precipitarmos a ler um *Haiti contra Hegel*, tal leitura exigiria outros estudos; Buck-Morss é um bom começo, entretanto.

REFERÊNCIAS

- BUCK-MORSS, Susan. Hegel e Haiti. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 90, p. 131-171, julho 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010133002011000200010&lng=en&nrm=iso>. Acessado: 16 de julho 2016.
- BUCK-MORSS, Susan. **Hegel y Haití. La dialéctica amo-esclavo: una interpretación revolucionaria**. Argentina: Grupo Editorial Norma, 2005.
- BUCK-MORSS, Susan. **Hegel, Haiti, and universal history**. Estados Unidos: University of Pittsburgh Press, 2009.
- CASIMIR, Jean. O Haiti e suas elites: o interminável diálogo de surdos. **Revista universitas. Relações internacionais**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2012.
- DE BOTTON, Alain. **The news: a user's manual**. Penguin UK, 2014.
- FONSECA, Jamily Marciano. O vodu no bicentenário da independência haitiana. In: **Ameríndia**. vol. 10/2011. Disponível em: <http://www.amerindia.ufc.br>. Acessado: 12 de julho 2016.
- GENTINI, Alfredo Martin; PROSPERE, Renel. O vodu no universo simbólico haitiano. **Revista universitas. Relações internacionais**, v. 11, n. 1, 2013.
- HEGEL, Georg W. F. **A razão na história. Introdução à filosofia da história universal**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.

⁷ Ver, por exemplo, a análise de Luiz Carlos Balga Rodrigues (2008) onde mostra que o *Vodu* não percorre somente as camadas populares da população haitiana e, também, se mescla as outras formas de religião.

HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. Trad. Paulo Meneses; Karl-Heinz Effen; José Nogueira Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HURBON, L. **O Deus da resistência negra: o vodu haitiano**. São Paulo: Paulinas, 1987.

LEOPOLDO, Rafael. O sombrio sonho d'A queda do céu. **Climacom: cultura científica**, n.5. Ano. 3. 2016. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net/?p=4981>>. Acessado: 16 de Julho 2016.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Portugal: Antígona, 2014.

OLIVEIRA, Rodrigo Lopes de Barros. Vodu, paraíso e destruição. **Sopro**. n. 22, 2010.

RODRIGUES, Luiz. C. B. **Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti**. Rio de Janeiro-RJ. Tese de Doutorado em Letras Neolatinas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SOARES, Ana Lorym; SILVA, Elton Batista da. A revolução do Haiti: um estudo de caso (1791-1804). In: **Ameríndia**. Ano.1, vol. 1/2006: Disponível em: <http://www.amerindia.ufc.br>. Acessado: 16 de julho 2016.